

CCB

**ARUNA E A ARTE
DE BORDAR
INÍCIOS**
AINHOA VIDAL

30 JAN A 2 FEV 25



**ARTES PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Fábrica das Artes – Teatro
Pequeno Auditório
Quinta e Sexta, 11h00 – Sessões escolares
Sábado, 19h00
Domingo, 16h00
M/6

Duração aprox. 50 min. + conversa

Acessibilidade: A sessão de 2 de fevereiro
contará com Audiodescrição para o público cego
ou com deficiência visual.



© PEDRO SARDINHA

Criação, interpretação, texto, figurinos **Ainhua Vidal**

Interpretação, desenhos, cenografia **Carla Martinez**

Direção musical e arranjos **Luís Martins**

Composição e letra **Pedro da Silva Martins**

Voz **Zoe Vidal**

Piano **Joana Sá**

Bateria **Sérgio Nascimento**

Coros **Nazaré da Silva, Theo Vidal, Aldina Duarte**

Gravação e mistura **Joaquim Montes**

Exposição e recolha de conteúdos **Simon Deprez e Eléonore Labattut**

Criação de luz **Nuno Salsinha**

Assistência cenográfica **Matilde Salsinha**

Construção de maquete **Gonçalo Marques, Tommy Grainger**

Vídeo **José Torrado**

Produção **menosmuitomais CRL**

Coprodução **Vida Virtuosa, Teatro Municipal do Porto,**

Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes

Apoios Residência **c.e.m., Quinta Alegre, Teatro da Voz**

Projeto financiado por **República Portuguesa e Direção-Geral das Artes**

Agradecimentos **Sonoscopia, Henrique Fernandes, Fernando Mota,**
Hélder Nelson, Sérgio Milhano, Sandra Neves

Ilustração da capa: © Ainhua Vidal

SINOPSE

Tudo começa com um silêncio, o silêncio que antecede uma catástrofe. Há catástrofes e catástrofes, umas que nos afetam enquanto sociedade, outras individuais em que perdemos o chão que nos convinha.

E depois desse acontecimento?

Um recomeço, uma reconstrução — e é neste coração em guerra que encontramos sempre a nossa arma selvagem, a nossa força de coragem. A cidade perdeu o chão, Aruna a gravidade.

A partir de um teatro de sombras cantado por uma criança, Aruna, de 10 anos, conta-nos a história de uma reconstrução social e humana em tempos de adversidade.

Este espetáculo convive com uma exposição feita por Eleonore Labatut e Simon Deprez, arquitetos dedicados ao trabalho de reconstrução em lugares atingidos por catástrofes naturais.

ARUNA E A ARTE DE BORDAR INÍCIOS

Sou bailarina, e na dança aprendi a observar e sentir o corpo internamente, ao mesmo tempo em que olhava e sentia os outros e o mundo dito «exterior». Descobri que, na dança, os micro e os macro-olhares muitas vezes se constroem a partir dos mesmos parâmetros. *Aruna e a arte de bordar inícios* segue essa mesma lógica: pensar a reconstrução pessoal a partir do processo de reconstrução de uma cidade após uma catástrofe natural.

O ponto de partida foram as muitas conversas que tive com Eléonore Labattut e Simon Deprez, arquitectos com uma vasta experiência internacional a trabalhar em situações de pós-catástrofe, planeamento urbanístico e projetos de arquitectura de emergência.

O que vocês lerão a seguir são excertos dessas conversas, que me levaram a refletir sobre como uma pessoa se reconstrói após uma catástrofe na sua vida. Quais são os tipos de catástrofes, os perigos enfrentados, as soluções possíveis, os caminhos a seguir? E onde reside a força para se levantar e encontrar o chão, que, às vezes, parece ter desaparecido por completo?

«Tenho duas imagens muito diferentes, uma primeira que é, na Índia depois do Tsunami, ver uma tábua rasa. Ver todas as coisas, casas, árvores... tudo no chão, e mesmo os entulhos não estavam no sítio certo. Era como uma superfície *super plana*. É como se estivesse tudo ao acaso. Não havia mais nada do que o chão. Mas acho que também corresponde bem à ideia do que tínhamos de fazer para recomeçar. Não há obstáculos para reconstruir. Mas acho que é uma ideia muito falsa. Não haver nada... há muito, mas parece que não há e essa imagem é uma grande problemática a nível de reconstrução; pensar em, “porque não se vê, não existe”.

Para as pessoas tudo está lá; todo o imaginário, as memórias, todas estão lá, mas as pessoas que vão para reconstruir não têm este cuidado de pensar o que havia. Os limites dos terrenos, por exemplo, são impossíveis de reconhecer, então as propriedades das pessoas? Têm de repensar tudo, mesmo a base de uma cidade ou de um bairro.

E a outra imagem, é uma imagem ao contrário, foi no Haiti depois do terramoto onde havia montanhas de entulhos e o chão era gigante, montanhas que apareciam do nada e não havia sentido nas coisas, podia o telhado estar em baixo e a parte de o chão estar lá em cima, o mundo todo ao revés, e as pessoas começavam a habitar esta topografia de uma maneira muito estranha porque tinham de encontrar abrigo dentro deste todo.

Então, de um lado há uma página branca, mas que não é, e do outro lado, é como a visualização do caos.

A mais difícil de começar são os entulhos, porque em particular numa ilha, há que tirar tudo isto para voltar a um sítio onde se pode reconstruir e este tempo é muito mais longo do que as pessoas imaginam.

Demorou mais de um ano para tentar tirar todos esses entulhos, tudo o que estava destruído. E onde pôr isto tudo? Não se pode construir em cima porque é muito instável, não se pode pôr nada sobre essa instabilidade.»

«As cidades estão mal construídas ou não há cuidado suficiente para saber como fugir. O fenómeno da catástrofe pode ser natural, mas as consequências são sempre humanas. 80% das pessoas fazem o processo de reconstrução sozinhas depois de uma catástrofe natural, sozinhas, sem ajuda.»

«Tens de escolher a quem vais ajudar e o que vais dar, se vais dar muitas coisas a umas pessoas para reconstruir uma casa de novo ou se vais dar material a outras pessoas para reparar a casa deles. Tem de se fazer essa análise para decidir, e isso é decidido em conjunto. Isto é algo muito complicado, quando alguém diz “eu perdi tudo”; é muito raro ter os meios para dar tudo, e esse é um desafio enorme.»

«Há cada vez mais desastres e menos dinheiro para cada um deles.»

«Uma catástrofe assim não vai afectar da mesma maneira as pessoas ricas e as pobres, mas afecta todo o mundo, só que existem pessoas que têm mais meios para se reconstruir, têm dinheiro ou família, recursos para reconstruir sem esperar a ajuda dos outros. Outras pessoas são totalmente dependentes da ajuda exterior. A ajuda humanitária vai tentar identificar as pessoas que precisam de uma ajuda total para dirigir o dinheiro e esforços para elas.»

«O que vi é que o tempo da reconstrução é um momento de muitas possibilidades de trabalhos diferentes. As pessoas vão abandonar o trabalho para trabalhar na reconstrução física, há muitas oportunidades de formação, treino para aprender outro tipo de coisas mais relacionadas a reconstruir fisicamente e é um tempo onde as pessoas fazem outro tipo de coisas. (...) É um tempo de parêntesis.»

«As crianças brincam sempre. Mesmo no dia seguinte vão brincar com os entulhos, vão brincar com qualquer coisa, vão encontrar um terreno de jogo. Agora há muito mais cuidado com a saúde mental das crianças, criam-se *ateliers* para as crianças poderem desenhar e falar. As crianças percebem onde estão inseridas, mas por essa força de brincar e rir e parecer assim alegres... acho que durante muito tempo houve pouco cuidado com o nível de trauma das crianças, e agora finalmente existe essa noção.»

«Existem muitos perigos durante a noite. Principalmente para as mulheres com os perigos de agressões sexuais. A percentagem de mulheres violadas depois de uma situação assim é enorme, enorme. E o mesmo acontece com as mulheres refugiadas, existe uma percentagem enorme, enorme. Os perigos da noite são muito fortes. Por isso as casas de banho são uma preocupação grande porque quando vais à casa de banho à noite, esses podem ser momentos de grande fragilidade para uma mulher.»

«Durante muito tempo a única coisa que tinha valor era a vida humana e acho que isso está a mudar. Nos grandes incêndios na Austrália, por exemplo, no verão passado, houve muitas poucas pessoas mortas, mas há milhares e milhares de animais mortos durante estes incêndios, e isso agora é considerado uma catástrofe. Qual é o valor do que estamos a perder? Numa catástrofe se ninguém dá valor ao que está destruído, nada tem valor, não é uma catástrofe.»

«Quando cheguei pela primeira vez ao Haiti, não conseguia aguentar nada e pensei mesmo nunca vou voltar, é demasiado para mim, não consigo aguentar..., mas fiquei e voltei. É muito complicado voltar a uma vida normal depois de ter feito este trabalho, não é qualquer coisa.»

«Não sei se uma reconstrução se acaba.»

«A força do ser humano de *sobrepassar* é incrível. Existem muitas pessoas que não conseguem fazer este caminho, mas há muitas, muitas que o fazem.»

Ainhoa Vidal

(a autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)



Aínhua Vidal

Desde pequena, Aínhua Vidal trabalhou o seu corpo, desde a ginástica de competição às técnicas de dança clássica e contemporânea. Pós-graduada em Pedagogia Percetiva do Movimento e em Arte e Terapia do Movimento, viajou pela Europa, América Latina e Ásia apresentando o seu trabalho e procurando outros modos de relação com a dança, o corpo e o seu movimento.

Coreógrafa independente que une a dança, o teatro e o trabalho de roupa e objetos, na criação de universos particulares e sempre ligados à comunidade. Dentro dos seus trabalhos destaca *A Vós, Alcovas Brancas, Uma Luz na Terra, Rosa Cão, Asas de papel, A cidade da tristeza profunda* juntamente com os Dead Combo, *Heróis, Oceano e Lilliput*.

Trabalhou como intérprete e assistente durante oito anos seguidos para Madalena Vitorino, quatro anos com Aldara Bizarro, seis anos com o Teatro do Vestido, dois com a companhia Circolando; também como intérprete com Cláudia Nóvoa, Joana Providência, Sofia Neuparth, Pedro Gil, Giacomo Scalisi, Teatro O Bando, Jean Paul Bucchieri, Bruno Dizien, Ana Borralho e João Galante, Companhia Instável, Comédias do Minho, Hello!Earth e Dead Combo.

Realizou o curso de Figurinos no Teatro Nacional D. Maria II. Começou o seu percurso como figurinista para Madalena Victorino com *Caruma* e trabalhou para a coreógrafa neste sector durante oito anos seguidos. Trabalhou como figurinista em vários projetos de criadores como Giacomo Scalisi, Susana Gaspar, Marina Navais, Filipa Francisco, Companhia Maior, Teatro do Vestido, Circolando, Madalena Marques, Márcia Lança, Cláudia Gaiolas, Teatro Meia Volta e Sílvia Real.

JÁ A SEGUIR

6 E 8 FEVEREIRO 2025

Formação

Ainhoa Vidal

Desafiámos cinco artistas da programação da Fábrica das Artes de 2025 para, neste espaço de formação do projeto *Um território Comum para Arte, Cultura e Educação*, partilharem os seus universos criativos, temáticos e linguagens artísticas com os participantes. A primeira formação explora o universo criativo do espetáculo Aruna e a arte de bordar inícios com a criadora e intérprete Ainhoa Vidal.

Quinta, 18h00

Sábado, 10h00

Espaço Fábrica das Artes

Para artistas, educadores, pais e curiosos

Duração 2h

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA

